

## A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA e O DUELO (OBRA: SAGARANA)

João Guimarães Rosa

### O DUELO

E grita a piranha cor de palha,

Irritadíssima:

— Tenho dentes de navalha, e

— Com um pulo de ida e volta

Resolvo a questão!...

— Exagero...— diz a arraia

— Eu durmo na areia,

— De ferrão a prumo,

E sempre há um descuidoso

Que vem se espetar.

— Pois, amigas, — murmura o gimnoto,

Mole, carregando a bateria

— Se eu soltar três pensamentos,

Elétricos,

Bate-poço, poço em volta,

Até vocês duas

Boiarão mortas...

(Conversa a dois metros de profundidade)

Esta é uma história de um duelo que nunca aconteceu, um duelo de atos, ações e negações. Uma narrativa que começa com uma traição e só terminará muito tempo depois, com a morte; há nela um sabor de enganos, de fugas e de vinganças. Narrada em terceira pessoa, o narrador é onisciente, mas, no mais das vezes, observa.

São dois os protagonistas: Turíbio Todo e Cassiano Gomes. O primeiro era seleiro de profissão; o segundo tinha sido militar e se aposentara. Leia:

“Turíbio Todo, nascido à beira do Borrachudo, era seleiro de profissão, tinha pêlos compridos nas narinas, e chorava sem fazer caretas; palavra por palavra: papudo, vagabundo, vingativo e mau. Mas, no começo desta estória, ele estava com a razão.”

Sofria de bócio e era até simpático. O narrador, mais uma vez, reforça por que era vagabundo:

“Ora, com a estrada-de-ferro, e, mais tarde, o advento das duas estradas de automóvel, rareaaram as encomendas de arreios e cangalhas, e Turíbio Todo caiu por força na vadiagem.(...)”

Assim, pois: de qualquer maneira, nesta história, pelo menos no começo - e o começo é tudo - Turíbio Todo estava com a razão.”

Tinha sido um dia de “nhaca” para o seleiro: saíra cedo para pescar e pernoitar na casa do primo Lucrécio, no Decamão; mas se esquecera do fumo de rolo para espantar mosquitos à beira do rio, dera uma topada num toco e danificara os artelhos do pé direito, perdera um bom anzol e voltava para casa com dois peixes dependurados na sela do cavalo.

Mas o narrador alerta: “Claro que tudo isso, sobrevivendo assim, em série, estava a exigir desgraça maior, o que não faltou.”

Imaginando que o marido dormiria fora, dona Silivana, que tinha olhos grandes e bonitos “de cabra tonta” estava em pleno adultério com Cassiano Gomes. Turíbio chegara sem fazer barulho e tinha podido ver os dois na cama. Mas nada fez, que Cassiano era homem e, tendo sido militar, sabia usar bem as armas e abater um alvo em movimento. Armado apenas de uma faquinha de picar fumo e tirar bicho-de-pé, o marido traído se escondeu, esperou o rival ir embora e voltou para casa somente no outro dia, foi gentilíssimo com a mulher, mandou colocar ferraduras novas no cavalo, limpou armas, disse que ia caçar pacas.

Quinta-feira pela manhã foi tocaiar a casa de Cassiano Gomes.

Viu o inimigo de costas na janela e não teve dúvida: matou-o. Mas houve erro, tinha matado, em vez de Cassiano, Levindo Gomes, o irmão, homem bom e justo e que nunca havia mexido com mulher dos outros. Antes de subir no cavalo e fugir, deu pelo erro; agora precisava fugir porque o Cassiano iria persegui-lo e matá-lo para vingar a morte do irmão.

“Cassiano Gomes acompanhou o corpo do irmão ao cemitério, derramou o primeiro punhado de terra, e recebeu, com muita compostura, entristecido e grato, as condolências competentes. Depois voltou em casa, fechou muito bem as janelas e portas — felizmente ele era solteiro — e saiu, com a capa verde reiúna, a winchester, a parabellum e outros petrechos, para procurar o Exaltino-de-trás-da-Igreja, que tinha animais de sela para vender. Comprou a besta douradilha.”

Deu milho e sal à mula e saiu para caçar o assassino do irmão. No vilarejo, imaginaram Turíbio morto e enterrado, dada a fúria de Cassiano.

E aqui começa o duelo de idéias, fugas e artificios; os desencontros de um e outro. Cassiano tinha 28 anos e era ótimo estrategista, sempre bordando espirais no eixo da estrada-mãe; Turíbio, um pouco mais velho, tinha por força ser melhor em suas táticas, gostava de cavalgar à noite.

Trocavam as montarias; certa vez Turíbio estava com saudades da mulher e veio vê-la sem que ninguém soubesse, já que moravam retirados do arraial. Confessou à dona Silivana que tinha sabido que Cassiano Gomes estava doente do coração, motivo pelo qual se aposentara.

Agora, era questão de tempo, cansar bem o inimigo. Turíbio foi trabalhar em São Paulo, deu-se bem por lá. Cassiano Gomes continuava procurando por ele, embrenhado no mato.

“Mas, no caminho, foi piorando, e teve de fazer alto no Mosquito-povoado perdido num cafundó de entremorro, longe de toda parte -, onde três dúzias de casebres enchiam a grotá amável, que cheirava a grão-de-galo, murici e gabirola.(...) Um lugar, em suma, onde a gente não tinha vontade de parar, só de medo de ter de ficar para sempre vivendo ali.”

Ali teve seu desarranjo, com insuficiência mitral. E ali teve uma idéia, já sabendo que ia morrer: arranjar um cabra valente e oferecer um conto de réis para que matasse o desafeto. Então, pareceu Timpim, o Vinte-e-um, um caboclinho pequeno, parecendo menino. Contou que tinha tido três filhos, era casado. Morreram dois de doenças e o terceiro, menino de colo, estava para morrer.

Cassiano mandou chamar médico, comprou remédios, salvou a vida do garoto. Em troca, fez um pedido a Vinte-e-um. E morreu em seguida.

Dona Silivana ficou sabendo da morte de Cassiano, avisou o marido em São Paulo. Saltou do trem com boas roupas, tinha vindo buscar Silivana, arranjou um cavalo emprestado e rumou para o sítio. Um caboclinho aproximou-se dele na estrada: “— Ainda que mal pergunte, o senhor será mesmo seu Turíbio Todo, seleiro lá na Vista-Alegre, que está chegando das estranhas?...”

Turíbio disse que sim, foram trotando, fumaram juntos. O rapazinho pediu que Turíbio apeasse do cavalo e não aceitou nada que ele lhe oferecesse; apenas cumpriu a promessa feita a Cassiano Gomes, o homem que lhe salvara o filho e matou o seleiro com duas balas na cara.

E foi-se embora, por um atalho, com seu cavalinho pampa. Como ninguém viu nada, não houve testemunhas, o crime ficará impune.

#### A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA

“ Eu sou pobre, pobre, pobre,  
vou-me embora, vou-me embora...”

.....

Eu sou rica, rica, rica,  
Vou-me embora, daqui!...”

(Cantiga antiga)

“Sapo não pula por boniteza,  
mas porém por percisão.”

( Provérbio capiau)

“Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Esteves. Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaibas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto — o homem — nessa noitinha de novena, num leilão de atrás da igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici.”

É assim que se inicia esta novela, a maior de todas que compõem Sagarana, e aquela que nos apresentará um homem abrutalhado e insensível, casado com Dona Dionora e pai de Mimita, que havia sido criado pela avó para ser padre, mas que, cheio de si e orgulhoso, transformou-se em alguém duro demais.

A narrativa foi escrita em terceira pessoa, por narrador onisciente; o narrador visita o lado de dentro de suas criaturas e exhibe de maneira dramática as dores, inquietações e angústias de cada uma delas.

Augusto Matraga não pagava bem os salários de seus capangas porque estava endividado; tinha inimigos ferozes como o major Consilva, brigava com frequência assustadora, bebia demasiado e não se importava com a mulher e a filha, a ponto da menina perguntar: “por que o pai não gosta de nós, mãe?”

Era outubro de ano em que não chovera, e tinha havido uma procissão:

“Procissão entrou, reza acabou. E o leilão andou depressa e se extinguiu, sem graça, porque a gente direita foi saindo embora, quase toda de uma vez. Mas o leiloeiro ficara na barraca, comendo amêndoas de cartucho e pigarreando de rouco, bloqueado por uma multidão encachada de fim de festa. E, na primeira fila, apertadas contra o balcãozinho, bem iluminadas pelas candeias de meia-laranja, as duas mulheres à-toa estavam achando em tudo um espírito enorme, porque eram

só duas e pois muito disputadas, todo-o-mundo com elas querendo ficar.”

#### Glossário

Encachaçada - cheia de cachaça, pinga; bêbada.

Candeias - lâmpões, luminárias.

Espírito - graça

Tinham ficado ali, as duas prostitutas, Tomázia (a “Sariema”) e Angélica; os bêbados inventaram de colocá-las em leilão, para o horror do leiloeiro Tião; afinal, estavam nos fundos da igreja.

Junto ao balcão, Sariema estava namorando o capiau com cara de apaixonado; os dois estavam se gostando; o rapaz trabalhava para o major Consilva. Começou o leilão da Sariema; os capiaus davam um pouco de dinheiro de lance, mas aparece Augusto Matraga:

“E, aí, de repente, houve um deslocamento de gentes, e Nhô Augusto, alteado, peito largo, vestido de luto, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em tenso, angulando os cotovelos, varou a frente da massa, se encarou com a Sariema, e pôs-lhe o dedo no queixo. Depois, com voz de meio-dia, berrou para o leiloeiro Tião:

— Cinquenta mil-réis!...

Ficou de mãos na cintura, sem dar rosto ao povo, mas pausando para os aplausos.

— Nhô Augusto! Nhô Augusto!”

Matraga quis aproveitar-se da confusão e sair sem ser notado; o capiauzinho segurou o braço da Tomázia que estava querendo chorar; Nhô Augusto deu três pescoções nele e os seus jagunços aproveitaram para aplicar-lhe uns tapas, empurrando-o para o meio do povo que também queria estapear.

Mas Matraga queria apenas humilhar o capiauzinho apaixonado Tomázia; poucos quarteirões depois, dispensou-a dizendo que ela tinha uma perna fina e outra seca. E saiu, procurando briga.

Pouco depois, aparece o Quim Recadeiro dizendo que Dona Dionora o chamava; tinha uma ou duas perguntas pra fazer ao marido e pretendia, com Mimita, ir para Morro Azul (fazenda) na manhã seguinte. Nhô Augusto disse que não iria e ordenou ao Quim que as levasse. Dona Dionora, quando soube, enxugou os olhos e considerou que o marido era mesmo “doido, duro, sem detença como um bicho grande do mato.”

Matraga humilhava a mulher e a filha, brigava, batia, bebia, e se envolvia com prostitutas. A cidade inteira tinha pena das duas, tão abandonadas, sozinhas. No dia seguinte, Quim foi levá-las

pela manhãzinha; no caminho, foram abordados por seu Ovídio Moura:

“Dionora, você vem comigo... Ou eu saio sozinho por esse mundo, e nunca mais você há de me ver!...

Mas Dona Dionora foi tão pronta, que ele mesmo se espantou.

— Nhô Augusto é capaz de matar a gente, seu Ovídio... Mas eu vou com o senhor, e fico, enquanto Deus nos proteger... (...)

— (...) e fala com seu patrão que Siá Dona Dionora não quer viver mais com ele, e que ela de agora em diante vai viver comigo, com o querer dos meus parentes todos e com a bênção de Deus!”

Foi chamar o patrão, que ainda curtia um porre homérico da noite anterior; Matraga saltou da cama e mandou buscar os capangas: iriam trazer de volta Dionora e a menina. Quim retornou com outra desolação: os bate-paus não vinham; Consilva tinha contratado cada um deles, a bom preço.

Matraga enlouqueceu e foi à chácara do inimigo; Major Consilva mandou que batessem nele, batessem bem, batessem e arrastassem para fora da chácara, a fim de que morresse:

“Já os porretes caíam em cima do cavaleiro, que nem pinotes de matrinchãs na rede. Pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas. Nhô Augusto desdeu o corpo e caiu. Ainda se ajoelhou em terra, querendo firmar-se nas mãos, mas isso só lhe serviu para poder ver as caras horríveis dos seus próprios bate-paus e, no meio deles, o capiauzinho mingo que amava a mulher à-toa Sariema. E Nhô Augusto fechou os olhos, de gastura, porque ele sabia que capiau de testa peluda, com o cabelo quase nos olhos, é uma raça de homem capaz de guardar o passado em casa, em lugar fresco perto do pote, e ir buscar da rua outras raívas pequenas, tudo para ajuntar à massa-mãe do ódio grande, até chegar o dia de tirar vingança.”

#### Glossário

Capiau - caipira, caboclo.

Gastura - aflição

Bate-paus - capangas

Matrinxã (a palavra foi grafada com ch pelo autor) - Designação comum a algumas espécies de peixes teleósteos, caraciformes, caracídeos, do gênero Brycon.

Mingo - bobalhão.

O capiau que amava a Tomázia, já na estrada para onde arrastaram o ferido, quebrado em ossos de mil partes, ainda acendeu uma fogueira,

esquentou o ferro de marcar gado de Consilva e imprimiu-o no glúteo direito de Matraga que urrou, levantou o peito e se jogou num barranco alto, uma grotta. Os homens foram embora, o corpo estava perdido nas pedras, lá embaixo, sem chances de sobreviver.

Mas Matraga não morrera, ossos expostos, todo quebrado, sem nenhum órgão que não estivesse machucado, foi encontrado por um casal de negros que o socorreram, rezaram por ele, cuidaram de suas feridas.

Nhô Augusto, de tanta dor, pediu que o matassem; mãe Quitéria, vendo-o esbravejar de dor, acredita que deva ser um homem ruim, mau.

“Deitado na esteira, no meio de molambos, no canto escuro da choça de chão de terra, Nhô Augusto, dias depois, quando voltou a ter noção das coisas, viu que tinha as pernas metidas em toscas talas de taboca e acomodadas em regos de telhas, porque a esquerda estava partida em dois lugares, e a direita num só, mas com ferida aberta. As moscas esvoaçavam e pousavam, e o corpo todo lhe doía, com costelas também partidas, e mais um braço, e um sofrimento de machucaduras e cortes, e a queimadura da marca de ferro, como se o seu pobre corpo tivesse ficado imenso.”

De tardinha bateu uma tristeza funda, lembrou-se da mulher e da filha, respirou aos arrancos, temendo chorar, “até que pode chorar, e chorou muito, um choro solto, sem vergonha nenhuma, de menino ao abandono.”

Quis se confessar, os negros chamaram um padre às escondidas, no meio da noite. O padre deu conselhos, disse que quando sarasse trabalhasse para os pobres e rezasse muito. Aconselhou-o: “Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.”

E foi melhorando devagar, até que, finalmente, pôde se pôr de pé outra vez. Prometeu, solenemente:

“Eu vou pra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!...”

E a minha vez há de chegar... Pra o céu eu vou, nem que seja a porrete!...”

Melhora, reza, espanta as idéias tristes e conquista uma serena alegria, resignação, estava convertido. Parara de beber, fumar. Por fim, foram embora e chegaram a uma região chamada Tombador. Lá, todos gostavam daquele homem “meio doido e meio santo”, que trabalhava muito a fim de não ser tomado, outra vez, pela vertigem da violência.

Esperava sua hora e vez.

E por ali chegou o bando de seu Joãozinho Bem-Bem; Nhô Augusto os abriga e alimenta; saudosos de atirar, usa as armas do bando. Vendo que atirava bem, Joãozinho Bem-Bem o convida para integrar o bando. Matraga recusa, queria ir para o céu.

Encontraram-se novamente; um pai desesperado tinha procurado, no vilarejo, Joãozinho Bem-Bem para pedir misericórdia pelo filho que matara o Juruminho (capanga predileto de Bem-Bem) baleado pelas costas. Bem-Bem tinha prometido entrar na casa do velho e pegar um dos filhos, que devia morrer por tiro ou facada, para vingar a morte do capanga.

É aí, então, que Augusto Matraga tem a sua “hora e vez”, na briga com Bem-Bem, na defesa de quem não tinha culpa. Nhô Esteves das Pindaibas mata Bem-Bem com uma facada que abre a barriga do homem do púbis até o externo. Bem-Bem fica segurando os “recheios” com as mãos. Mas antes, tinha atirado demais em Matraga, tanto, que o homem mal se agüentava em pé.

“A lâmina de Nhô Augusto talhara de baixo para cima, do púbis à boca-do-estômago, e um mundo de cobras sangrentas saltou para o ar livre, enquanto seu Joãozinho Bem-Bem caía ajoelhado, recolhendo os seus recheios nas mãos. Aí, o povo quis amparar Nhô Augusto, que punha sangue por todas as partes, até do nariz e da boca, e que devia de estar pesando demais, de tanto chumbo e bala.”

Pediu também que o carregassem para fora, para que pudesse ver o céu quando se fosse.

“Daí, mais, olhou, procurando João Lomba, e disse, agora sussurrado, sumido: Põe a bênção na minha filha... seja lá onde for que ela esteja... E, Dionora, fala com a Dionora que está tudo em ordem! Depois, morreu.”

Morreu em defesa de um pobre homem, teve a sua hora e vez como queria, pretendia. Aquele antigo “doido, duro e sem detença”, agora “meio doido e meio santo” encontrara, finalmente, a sua hora e vez de ser bom.

A Vestibulando Web Page agradece à Prof. Carla Fagundes pela análise da obra “O Duelo e A Hora e a Vez de Augusto Matraga” e pela autorização para disponibilizá-la no site.